

# A escrita da história da Farroupilha na 1ª República brasileira: entre as Revoluções Cisplatinas, o PRR e o positivismo

## The writing of the history of Farroupilha in the 1st Brazilian Republic: between the Cisplatin Revolutions, the PRR and positivismo

Fabrcio Antnio Antunes Soares<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Londrina/PPGHS (Brasil)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6132-803X>

Recibido: 20-01-2023

Aceptado: 02-04-2023

---

### Resumo

O presente artigo examina como a obra historiográfica *Revoluções Cisplatinas*, de 1915, do político, diplomata e historiador Alfredo Augusto Varela, representa tanto uma disputa política como uma forma de escrita da história sobre a Farroupilha. A partir da hipótese de que na Primeira República, no Rio Grande do Sul, houve uma hegemonia social e política do Partido Republicano Rio-Grandense se quer investigar como a obra de Varela articulou-se com o seu contexto. Portanto, o objetivo é analisar como foi construída a narrativa sobre a Farroupilha no contexto de disputas em torno do borgismo. Para atingir tal objetivo, usa-se o conceito de operação historiográfica de Michel de Certeau, isto é, como a partir de uma análise do lugar social, da prática científica e da escrita do texto podem-se perceber as transformações na

---

<sup>1</sup> (fabricioantunesoares@gmail.com). Graduado em história pela Universidade Federal de Santa Maria, mestre em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutor em história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul com estágio doutoral de um ano na Universidade Livre de Berlim no Instituto de Estudos Latino Americanos. Atualmente sou professor colaborador do PPGHS/Uel e professor investigador da Flaco/Brasil. Três publicações recentes. Soares, F. A. A.. A escrita literária da história: O caso O gaúcho. Anos 90 (Online) (Porto Alegre), v. 30, p. 1-20, 2023. 2. Soares, F. A. A.. Reescrevendo a história da Farroupilha na comemoração do seu Centenário: Entre o Período Vargas, a historiografia de Souza Docca e a nacionalização do regional. Iberoamericana, v. 22, p. 149-170, 2022. Soares, F. A. A.. A escrita literária da Farroupilha no século XIX: Um estudo de caso - O corsário. La Razón Historica, v. 55, p. 103-126, 2022.

escrita da história sobre a Farroupilha. Por fim, percebe-se que a obra analisada foi um objeto tanto de luta política como de virada interpretativa na escrita da Farroupilha.

**Palavras-chave:** História intelectual, História da historiografia, Teoria da história, Operação historiográfica.

## Abstract

This paper examines how the historiographical work *Revoluções Cisplatinas*, 1915, by the politician, diplomat and historian Alfredo Augusto Varella, represents both a political dispute and a form of history writing about the Farroupilha. From the hypothesis that in the First Republic, in Rio Grande do Sul, there was a social and political hegemony of the PRR, we want to investigate how Varella's work articulated with its context. Therefore, the aim is to analyse how the narrative about Farroupilha was constructed in the context of disputes around borgismo. To achieve this goal, the concept of historiographical operation of Michel de Certeau is used, that is, how from an analysis of the social place, the scientific practice and the writing of the text one can perceive the transformations in the writing of history about the Farroupilha. Finally, it is perceived that the analyzed work was an object of both political struggle and interpretative turn in the writing of Farroupilha.

**Keywords:** Intellectual history, History of historiography, History theory, Historiographical operation.

## 1. Introdução

Esse artigo analisa como a obra *Revoluções Cisplatinas*, publicada em 1915, pelo político, advogado, diplomata e historiador Alfredo Varella (1864-1943), é uma análise histórica que, por um lado, se articula à crítica política ao regime borgista do Partido Republicano Rio-Grandense<sup>2</sup> (PRR) no Rio Grande do Sul e, por outro lado, é uma compreensão histórica inovadora de explicação historiográfica da Farroupilha. Para tanto, a hipótese que norteia o artigo é que Varella reconstrói e retoma a história da Farroupilha como uma forma de crítica à centralização política das instituições dominadas pelo PRR.

Para desenvolver a hipótese proposta, o artigo vale-se da operacionalidade analítica de entender a obra *Revoluções Cisplatinas* como uma operação historiográfica (Certeau 2007: 65-119). Portanto, um dos caminhos desta

---

<sup>2</sup> Partido Republicano Rio-Grandense (1882-1929). Surgiu no fim do Império com vistas a trabalhar pela República. Por toda a República Velha foi o partido dominante no Rio Grande do Sul.

investigação é saber como a obra, *Revoluções Cisplatinas*, se articula com o lugar social, com a prática e a escrita, em outras palavras, como é possível perceber a “operação historiográfica” na historiografia sobre a Farroupilha (Rodrigues 2019) (Soares 2019). Assim sendo, examinar a obra de Varella como uma operação historiográfica significa analisá-la como a articulação entre a) um lugar social b) práticas científicas e c) a escrita de um texto (Cerateau 2007: 66). Para compreender, portanto, a história da historiografia sobre a Farroupilha (Pesanvento 2009), parte-se do pressuposto de que qualquer investigação e narrativa histórica<sup>3</sup> se encadeia com lugares, práticas e escritas e, também, suas determinações tanto sociais e culturais como políticas e econômicas<sup>4</sup>. Isso acarreta uma forma de proceder na historiografia limitada por condições inerentes ao lugar de sua produção. Esse é, então, um dos requisitos do desenvolvimento da operação historiográfica, portanto, além de fornecer, por um lado, a solidez social à escrita da história, por outro lado, o lugar social, a prática e a escrita, também a tornam possível e, assim, a escrita da história delinea-se “por uma *relação da linguagem* com o corpo (social) e, portanto, também pela sua relação com os *limites* que o corpo impõe” (Cerateau 2007: 76).

A Farroupilha, ou Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos<sup>5</sup>, foi um conflito militar e político na Província de São Pedro<sup>6</sup> entre 1835 e 1845. Ela faz parte de um duplo movimento histórico, a montante, faz parte das revoltas regenciais que assolaram o Império Brasileiro em seu início de consolidação (Piccolo 1985) e, a jusante, faz parte dos conflitos platinos que varreram essa região na constituição de seus Estados-nacionais (Guazzelli 1998). Desse modo, a Farroupilha começou como um movimento de autônima política da Província, como as demais províncias brasileiras, para um ano depois, tornar a Província de São Pedro uma República separada do Brasil. Também, a Farroupilha tornou-se o pilar central da identidade do sul-riograndense pelas mais variadas práticas simbólicas ao longo de um século.

---

<sup>3</sup> A narrativa, no caso deste artigo, reconstrói o tempo histórico no presente. Para Ricoeur (1994), pela junção de um sujeito e um predicado, algo é alegado sobre o sujeito da frase. Quando o romancista e o historiador narram, criam na obra o que foi a história. A narrativa – historiográfica ou literária – relata a vida de personagens em um enredo que produz a convergência a partir da divergência. Os indícios do passado, nas fontes e vestígios, adquirem sentido no enredo de uma narrativa, e, deste modo, um sentido é constituído para os fenômenos que surgem dispersos na linguagem. Assim, o mundo do texto, que a narrativa institui, é um dos lugares de sentido do passado.

<sup>4</sup> Isso averiguado, é importante para o desenvolvimento desse artigo ter-se em consideração que para examinar a historiografia é necessário entender não apenas o seu caráter narrativo, mas, também, sua dimensão social e os usos políticos do passado na escrita da história. As narrativas circulam socialmente, mas não circulam livremente, elas são produzidas e transmitidas em um contexto político-social. São escritas com uma finalidade: estabelecer uma conformação política sobre o corpo social (Hartog; Revel, 2001).

<sup>5</sup> Outras denominações pela qual a Farroupilha é conhecida.

<sup>6</sup> Nome do atual Estado do Rio Grande do Sul.

O livro historiográfico *Revoluções Cisplatinas* foi escrito e publicado por Varella em meados da segunda década do século XX, já sob a Primeira República e o domínio autoritário do PRR na vida política do Estado do Rio Grande do Sul. Portanto, com uma esfera pública limitada, a socialização intelectual de Varella dá-se ainda quando era integrante do PRR, no jornal *A Federação* (1884-1937) – ligado ao PRR – e sendo graduado em direito pela Faculdade de Direito em Recife (Alonso 2002: 133-146). Em um contexto em que tanto os integrantes do PRR quanto a oposição federalista se consideravam herdeiros da Farroupilha, há em *Revoluções Cisplatinas* um entendimento de que era não só uma nova interpretação historiográfica da Farroupilha, mas, também, uma alavanca para a crítica em relação à situação política presente de Varella no Estado sulino. Além disso, seu liberalismo político foi um corte que o separa do comtismo do PRR e das demais interpretações da Farroupilha<sup>7</sup>.

Portanto, para atingir o objetivo aqui proposto, dividiu-se o artigo em cinco partes. As duas primeiras investigam o lugar social de produção de *Revoluções Cisplatinas*, isto é, o contexto político e social e o contexto intelectual da primeira República no Rio Grande do Sul, período em que se ambientou a escrita do livro. A terceira parte averigua a prática científica exposta na obra *Revoluções Cisplatinas*. As duas últimas partes examinam a escrita do texto, em outras palavras, como surge, no texto historiográfico, a história ali narrada.

## 2. Lugar social (I): Contexto político e social

O PRR com Júlio de Castilhos<sup>8</sup>, proclamada a República em 1889, assume o poder no Estado do Rio Grande do Sul e, após o interregno do governo liderado por Barros Cassal<sup>9</sup>, em 1892, o PRR volta ao poder ainda antes da Revolução Federalista de 1893<sup>10</sup>. Ademais, nesse período histórico, de institucionalização do regime republicano, produziu-se o sistema político

---

<sup>7</sup> A produção historiográfica anterior de relevo seria: 1) *A Guerra civil no Rio Grande do Sul*, de Tristão Araripe (1986), publicado em 1881, e, 2) *História da República Rio-Grandense* de Assis Brasil (1982), publicado em 1882. Da produção do mesmo período de Varella, destaca-se: 3) Alfredo Ferreira Rodrigues (1865-1942), ele escreveu sobre a Farroupilha em seu *Almanaque Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul* que publicou de 1889 até 1917. De modo resumido, do primeiro Varella diverge sobre o caráter autoritário da Farroupilha; do segundo, Varella diverge sobre o caráter federalista da Farroupilha e, do terceiro, Varella acreditava que a Farroupilha seria uma continuação das revoluções Cisplatinas; para Rodrigues (1990) a Farroupilha era uma continuação das revoluções nativistas afirmadoras do espírito nacional.

<sup>8</sup> Júlio Prates de Castilho (1860-1903) foi o grande líder político do PRR.

<sup>9</sup> João de Barros Cassal (1858-1903) foi político, jornalista e membro do PRR.

<sup>10</sup> Foi uma guerra civil brasileira, iniciada no Rio Grande do Sul, ocorrida entre 1893 a 1895.

coronelista<sup>11</sup> que foi a base do poder na República Velha<sup>12</sup>. O coronelismo, enquanto sistema, instituiu-se no período em que os chefes locais principiaram a perder a sua força política local e necessitaram apelar ao governo que, por sua vez, ainda não era forte o suficiente para garantir sua presença institucional. Para Axt (2007: 92), o PRR no poder

costurou mais compromissos conservadores do que progressistas, esteve longe das decantadas fidelidade partidária e coerência programática e esteve tão envolvido com as práticas coronelistas como qualquer outro agente político da época. Todavia, o modelo político conhecido no Rio Grande do Sul apresentou inegáveis especificidades. A principal delas diz respeito ao quadro de institucionalização autoritária e de sistematização do discurso político-ideológico de justificação do regime.

O PRR governou o Estado do Rio Grande do Sul por toda a República Velha, tendo nas figuras de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros<sup>13</sup> seus expoentes. Quando em 14 de julho de 1891, a constituição estadual foi proclamada muitas foram as questões polêmicas, como o realce aos mecanismos de ingerência do poder estadual nos municípios, a omissão do conceito liberal de separação dos poderes e a possibilidade de reeleição ilimitada. Ademais, a Revolução Federalista iniciada em fevereiro de 1893 foi uma resposta das oposições à centralização política imposta pela Constituição de 1891. Em 1895, com o fim da Revolução Federalista, o presidente Prudente de Moraes<sup>14</sup> garantiu a anistia aos federalistas.

O Partido Federalista<sup>15</sup>, de oposição ao PRR, reorganizou-se em 1896, mas limitou-se a participar da política através da imprensa até as eleições para a Câmara Federal em 1906, quando elegeu três deputados (Franco, 2007). Contudo, Júlio de Castilhos, em seguida à Revolução Federalista, concluiu a organização do aparelho de Estado. Para Axt (2007: 95-96),

o autoritarismo de Constituição de 14 de julho de 1891 investiu o Poder executivo de formidáveis instrumentos de intervenção nos municípios e de controle do aparato estatal. Mas, ainda assim, o aparelho de estado continuava não sendo *infraestruturalmente* forte o bastante para possibilitar à elite dirigente assenhoreada do comando a implantação de um regime ditatorial e de controle absoluto.

---

<sup>11</sup> Coronelismo é um conceito empregado para explicar a estrutura de poder que é exercido pelo coronel, no plano local, sobre o poder público, mas que abarcou todo o sistema político do Brasil, no decorrer da Primeira República.

<sup>12</sup> República Velha ou Primeira República durou de 1889-1930.

<sup>13</sup> Antônio Augusto Borges de Medeiros (1863-1961) foi um político sul-rio-grandense, eminência parda do PRR após a morte de Júlio de Castilhos. Também, foi presidente do Rio Grande do Sul por 25 anos.

<sup>14</sup> Prudente José de Moraes Barros (1841-1902) foi um advogado e político brasileiro. Foi presidente do Brasil de 1894 a 1898.

<sup>15</sup> Partido político que existiu, no Rio Grande do Sul, de 1892 a 1928.

Contudo, havia no espaço político e social sulino, com a progressiva urbanização e industrialização, novos sujeitos sociais em cena, criando focos de pressão que ameaçavam o fechamento do sistema político. Para o autor,

A especificidade do Rio Grande do Sul em relação ao sistema coronelista nacional estava numa permanente tensão existente entre o poder estadual e poderes locais, pois a natureza dessa relação era ao mesmo tempo de cooperação e de competição [...] enquanto nos demais estados a regra foi a acomodação entre esses dois termos. Ou seja, no Rio Grande do Sul, o comando político regional – também emerso de uma rede de compromissos coronelísticos – pretendia sedimentar cada vez mais o controle sobre o estado, enquanto que os poderes locais aspiravam escapar do jugo compressor e forjar chefias relativamente autônomas (Axt 2007: 96).

Um primeiro elemento se destaca como uma reposta a hipótese: o borgismo. Isto é, após a morte de Castilhos, Borges torna-se o chefe do PRR e do governo do Estado. Assim sendo, o borgismo representa o autoritarismo e a hegemonia estatal e política do PRR, tendo profundas implicações na vida estadual e na relação entre o Estado e o Brasil. Logo, o contexto político e social fornece elementos para o desenvolvimento da Farroupilha varelliana e sua crítica ao borgismo.

### 3. Lugar social (II): Contexto intelectual

Em 16 de setembro de 1864, nascia Alfredo Varela em Jaguarão, cidade fronteira com o Uruguai. Varela estabeleceu-se na Capital da Província em 1881 para prosseguir nos seus estudos. Obteve ingresso no Instituto Brasileiro, onde foi aluno de Apolinário Porto Alegre<sup>16</sup> e acabou influenciado por suas ideias republicanas (Lazzari 2004). Finalizado o estudo no Instituto Brasileiro, foi para São Paulo para ingressar na Escola de Direito (Silva 2010) (Antonioli 2017). Porém, regressa a Porto Alegre só retornando em 1886 aos estudos, em Pernambuco, onde concluiu o curso de direito em Recife no ano de 1889. Assim, Varela foi formado no contexto intelectual iniciado pela geração de 1870 (Alonso, 2002) (Boeira 2019).

Varela foi empossado Procurador Geral da República no Rio Grande do Sul em 1890 e, em seguida, Secretário dos Negócios do Interior e Exterior em 1891. Converteu-se em um dos personagens centrais da República no Estado, além de ser um devotado partidário de Júlio de Castilhos. Também, nessa época, alcançou a chefia do jornal *A Federação*. Além disso, Varela

---

<sup>16</sup> Apolinário Porto Alegre (1844-1904) foi um romancista, historiador e jornalista sul-riograndense.

foi membro influente dos republicanos da velha guarda no Estado, em meio dos quais se encontrava no começo do PRR. Ademais, Varella participou da guerra civil federalista e foi deputado de 1900 a 1906. Entretanto, em seguida ao término do seu mandato, afastar-se-ia da militância direta na política. Em 1907, com a dissensão representada pela candidatura de Fernando Abbott<sup>17</sup> à presidência do Estado, o que originou transformações nos quadros políticos republicanos, Varella ficou ao lado da dissidência, discordando da direção que o castilhismo assumiu. Após esses acontecimentos, seguiu atividade na diplomacia e foi cônsul na Espanha (1909), no Japão (1910), em Portugal (1913) e na Itália (1914) quando aposenta-se (Silva 2010). Em 1920, Varella foi membro e sociofundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), também é patrono de uma das cadeiras da Academia Rio-Grandense de Letras. Por fim, é a profissão de diplomata que permitiu-o examinar arquivos desconhecidos sobre o Estado natal, obtendo, dessa forma, uma considerável coletânea de fontes. Os arquivos examinados na Península Ibérica permitiram a Varella delimitar

uma relativa distância do que vinha sendo realizado entre a plêiade de historiadores regionais. Documentos sobre o desenvolvimento de líderes farroupilhas com as nascentes repúblicas do Prata iriam endossar uma de suas mais polêmicas teses, a respeito da influência platina não apenas na formação do gentio rio-grandense, mas também na própria gênese e desenvolvimento da Revolução Farroupilha (Silva 2010: 26).

Varella estreou com seu primeiro livro chamado *A constituição rio-grandense* de 1896. Contudo, somente em 1914 começa a escrever a história da Farroupilha e após publica seus principais livros. O primeiro deles é *Revoluções Cisplatinas*, de 1915. Para Oliveira (2005: 378-379),

*Revoluções Cisplatinas*, editadas pela livraria portuguesa Chardron, pode ser considerada uma obra intermediária na obra varelana. Precedia pelos escritos do fim do século XIX e dezoito anos antes de sua obra magna *História da Grande Revolução*, *Revoluções Cisplatinas* tem como foco o movimento farroupilha e o advento da República Rio-Grandense, articulados aos acontecimentos platinos.

Em relação ao desenvolvimento da hipótese, a socialização intelectual de Varella, passa pelo republicanismo de Apolinário Porto Alegre, pela geração de 1870, na faculdade de Direito em Recife, após, segue carreira jurídica e política (no Rio Grande do Sul) e como jornalista e redator no jornal *A Federação*, por fim, é como diplomata que potencializa sua historiografia tanto pela possibilidade de circulação internacional como pela oportunidade de arquivos estrangeiros.

---

<sup>17</sup> Fernando Fernandes Abbott (1857-1924) foi um médico e político brasileiro. Foi presidente do Rio Grande do Sul interinamente em duas ocasiões, a primeira em 1891 e a segunda de 1892 a 1893.

Com todos os elementos do lugar social apontados até aqui cabe perguntar: a que deve, no período do auge do poder do borgismo, este interesse em uma leitura da Farroupilha contra o PRR e Borges de Medeiros? Isto é, como o lugar social ajudou a operar tal leitura da Farroupilha? Creio que uma conjectura explicativa pode ser lançada a partir do trabalho de Love (1975) e de Axt (2007). Aquele divide a inserção do Rio Grande do Sul na política nacional (durante a República Velha 1889-1930) em quatro períodos: 1) 1889-1894 – dependência dos presidentes militares, 2) 1895-1903 – autonomia relativa e isolamento, 3) 1904-1908 – emergência gradual como força política importante e 4) 1909-1930 – participação em larga escala da política nacional. Assim sendo, aponta Love (1975), a partir de 1910, o Rio Grande do Sul junto com exército eram, dois atores/fatores que poderiam desestabilizar o sistema político do café com leite<sup>18</sup>. O que veio a ocorrer nas eleições de 1910, de 1922 e a de 1930. Portanto, o interesse em uma releitura da Farroupilha, acredito estar nessa nova inserção do Rio Grande do Sul na política brasileira e, assim, sua identidade platina ou separatista poderia ser usada politicamente. Por outro lado, Axt (2007) divide a política regional sulina, durante a República Velha, em sete períodos: 1) 1889-1895 – institucionalização republicana, 2) 1895-1903 – Hegemonia castilhista, 3) 1903-1907 – Crise da hegemonia, 4) 1908-1913 – Construção da hegemonia borgiana, 5) 1913-1920 – Hegemonia borgiana, 6) 1921-1923 – Contestações e crise de hegemonia, 7) 1923-1930 – Recomposição da aliança hegemônica. Portanto, a trajetória intelectual e política de Varella que interessa ao artigo é, a partida cronologia de Love (1975) a fase 3 e 4 e a partir da classificação de Axt (2007) a etapa 3, 4 e 5, isto é, em relação a Love (1975) a crescente inserção nacional do Rio Grande do Sul, em relação a Axt (2007) a gradativa dominação borgista da política estadual.

Também, segundo Love (1975: 88), Borges compartilhava com Castilhos, a sobriedade, o comtismo, a pouca idade com que fora ao poder e, em especial, o autoritarismo, logo, a ascensão de Borges à liderança do partido marcava a institucionalização do sistema do PRR (Love 1975: 89) e, assim, a continuidade pessoal e disciplinar do PRR, ajudou a impulsionar Pinheiro Machado<sup>19</sup> e Borges no cenário nacional. Para Love (1975), a política do PRR, em nível nacional, buscava o favoritismo econômico e o patronato federal e, dessa forma:

Borges reassumiu o governo do Rio Grande em 1913. Em certo sentido ele não se diferenciava de qualquer Governador de outra região: estava interessado no patronato federal. Mas foi melhor sucedido que a maioria de seus colegas. Conseguiu no governo Hermes assegurar aos rio-grandenses um número de

<sup>18</sup> Como era denominada a predominância do Estado de São Paulo e do Estado de Minas Gerais na política nacional.

<sup>19</sup> José Gomes Pinheiro Machado (1851-1915) foi um político brasileiro filiado ao PRR, tendo sido um dos mais influentes da República Velha. Após a morte de Castilhos dividiu a liderança do PRR com Borges.



postos importantes além do que obtivera em qualquer administração anterior. (...) Os empregos federais no Rio Grande foram preenchidos por Borges, que simplesmente enviou suas nomeações às várias repartições e ministérios do Rio (Love 1975: 166).

Assim sendo, Varella estava na oposição a Borges desde o cisma de 1906-07, contudo, fora embaixador brasileiro com a anuência do PRR, isto é, no momento da construção da hegemonia e na institucionalização da hegemonia borgista (Axt, 2007), de tal modo Varella opera historiograficamente, politicamente e profissionalmente em um lugar social hostil, mas não fechado a sua circulação. Por outro lado, (Love 1975) na inserção do Estado sulino na política nacional, Varella atua na retaguarda do borgismo, isto é, ao mesmo tempo, oferece uma explicação política e histórica que favorece a oposição no Estado sulino como a oposição em nível nacional, pois, como notou Love (1975) o Estado (comandado pelo PRR) era um dos fatores de desestabilização da política do café com leite, assim, a pena de Varella auxiliava na contenção do borgismo.

#### **4. Prática (I): comtista, *pero no mucho***

Varella é o historiador da obra mais extensa e intensa sobre a Farroupilha. Também manejou como poucos, a seu tempo, as ferramentas da historiografia<sup>20</sup>. Não obstante reconhecer e criticar o autoritarismo do PRR de matiz comtiana, em *Revoluções Cisplatinas*, Varella confessa ser um seguidor da filosofia positivista e de sua justificação do método científico, inspirado nas ciências da natureza, na construção da escrita historiográfica. Assim, uma questão a ser avaliada nesse período da cultura historiográfica sul-rio-grandense é sobre as suas conexões com a filosofia comtiana (Diehl 1998), mais que um modismo predominante, o comtismo estabilizou-se no Estado, extravasando os próprios limites do PRR, sendo modelo para o debate público (Boeira 1980), assim, a alusão ao positivismo “difuso” indica que o comtismo foi coligado a outros fluxos de filosofias científicas do século XIX, tais como o darwinismo, o spencerismo e o evolucionismo. Para Oliveira (2005: 378):

No caso específico de Alcides Lima, Assis Brasil e Alfredo Varella, observa-se que, num primeiro momento, a adoção do positivismo político acompanhou a trajetória de fundação e de consolidação do projeto republicano sul-rio-grandense, que buscou, no comtismo, os elementos que justificassem suas propostas partidárias. Contudo, o rompimento dos intelectuais do PRR com

---

<sup>20</sup> Também, Varella sempre foi criticado por seu estilo gongórico e empolado de escrever; Guilhermino (2006: 383) resume bem o espírito dos críticos a Varella: “Queiramos ou não, é preciso suportá-lo”. Ver também: Silva (2019).

o positivismo político não implicou o abandono absoluto dos pressupostos filosóficos defendidos por Comte. Alfredo Varella, embora viesse a romper com o comtismo em seus aspectos políticos, continuava apoiando-se nas concepções fundamentais do positivismo e seu método de investigação.

Porém, Varella não pode deixar de fazer a autocrítica:

Avesso hoje em absoluto à funesta doutrina positivista, que tanto contribuiu para restabelecer, depois da revolução de 1889, o absolutismo, que a de 1835 combatia; não bani do meu espírito tudo o que seu grande autor em boa hora coordenou do vasto saber humano, imprimindo-lhe o cunho de um extraordinário gênio (Varella 1915: 644, n. 2)

Outro ponto importante do preâmbulo do seu livro são as considerações que fez sobre teoria da história. Varella (1915) estava atualizado em relação às filosofias da história e das ciências europeias, com certeza, na história da historiografia sobre a Farroupilha (Soares 2016), nenhum outro historiador demonstrou tanto manejo e conhecimento do instrumental teórico do historiador à sua época. Mas não esqueçamos de que à época de Varella a historiografia ainda estava se disciplinarizando e, em particular, não estava profissionalizada no Brasil. Ademais, foi importante teoricamente, para sua compreensão da Farroupilha, “um método fecundo” que ainda não havia logrado a confiança de que é credor, pois,

Banindo em absoluto aquele para o qual os fenômenos da categoria dos que me ocupam, constituem um produto do arbítrio humano, nunca admiti o que interpreta como efeito de um cego determinismo, todos os atos e fatos de predicamento individual ou social. A verdade científica figura-me encontrável em um meio termo, quero dizer, no processo positivo de investigação, que se apoia em sólidos fundamentos científicos, genialmente resumidos em profundo conceito filosófico: – As modificações quaisquer da ordem universal se limitam à intensidade dos fenômenos, cujo arranjo permanece inalterável. Conceção é esta que concilia o que há de legítimo, nas que foram mencionadas acima, por quanto erra a escola, que submete *in totum* aos caprichos da vontade individual, os referidos fenômenos, como erra a outra escola, competidora da primeira, no reduzi-los *in totum* a uma expressão de leis superiores e reguladoras do mundo orgânico e inorgânico. A elas se acham subordinados, mas indescritível é, no estado atual dos nossos conhecimentos, que as leis naturais, se são imutáveis, também são modificáveis, o que nos permite uma certa interferência reformadora, como dilucida espontâneas reações, – circunstâncias que mudam em grau, a marcha das cousas, retrotraindo-as, paralisando-as ou acelerando-as, dentro de limites de variação próprios a cada departamento da natureza, – variação que tem o máximo de amplitude na órbita que nos é própria, na órbita humana (Varella 1915: 6, n. 1).

Ademais, Varella exibiu os passos da sua pesquisa, isto é, sua metodologia, e os passos da sua escrita, o que de certa forma já é uma estrutura do entendimento da sua narrativa:

[...] antes de proceder ao exame e desenho dos sucessos que se prendem ao memorando e memorável dia 20 de setembro, tratarei de pesar com justa medida, primeiro, os modificadores de ação espontânea, quer o meio físico e econômico, quer o meio social, interior e exterior, que agiram sobre a população do Pampa brasileira, predispondo-a a inovações do sistema político vigente; depois, os modificadores de ação sistemática, internos e externos; em último ponto, a soma de causas determinantes da ruptura da paz pública, ocasionando a explosão revolucionária (Varella 1915: 7, n. 1).

Pode-se resumir, assim, a lógica da explicação: 1) causas predisponentes: a) modificadores da ação espontânea: meio físico e econômico + meio social (interior e exterior), b) modificadores de ação sistemática (interno e externos); 2) causas determinantes; 3) relato do grande movimento.

Para o desenvolvimento da hipótese, a prática do texto de Varella, indicia, primeiramente, que o seu livro está dentro do “positivismo difuso”, isto é, a característica da intelectualidade sul-rio-grandense a época. Ademais, advoga uma história ciência, baseada nos conceitos de causa e mecânica, ao estilo comtista. Disso e de outras avaliações teóricas e historiográficas, ao longo dos dois volumes do livro, percebe-se que Varella é um historiador atualizado com o desenvolvimento da literatura historiográfica. Mas, um ponto chama mais a atenção, se Varella mantém a epistemologia positivista, ao mesmo tempo, rechaça a teoria política comtista de caráter autoritário. A evidência de por que se afastou do positivismo, enquanto doutrina política, pode ser averiguada na situação do lugar social a sua época, pois, o autoritarismo borgista era justificado na filosofia comtiana, portanto, ele conserva como epistemologia da história o comtismo, contudo, traz o liberalismo como filosofia política que alavanca sua oposição política (ao PRR) e que subjaz a sua representação da Farroupilha.

## **5. Escrita (I): A construção narrativa de uma Farroupilha liberal como crítica ao PRR**

Após o falecimento de Castilhos, em 1903, as lutas políticas dentro PRR polarizaram-se na defesa de duas formas de regime republicano: o regime ditatorial e autoritário, representado por Borges, e o regime liberal, defendido pela dissidência do PRR e pelos federalistas. Os dissidentes abraçaram uma defesa dos ideais democráticos e liberais e reprovaram a autocracia partidária e a onipresença do Executivo estadual em todos os temas

políticos e governamentais. Portanto, isso liga-se a nossa hipótese de que em *Revoluções Cisplatinas* o presente infiltrou-se na escrita da história e, assim, política e epistemologia interpenetram-se. Acredito que filosofia liberal e antiborgismo são marcas que distinguem a Farroupilha de Varella, portanto, a filosofia liberal da história fornece uma forma de entender o passado com um sujeito histórico: o “caudilho liberal” (Varella 1915: 247, n. 1)<sup>21</sup> que promove a liberdade da Província e que tem sua contraface presente na luta contra o autoritarismo borgista, em outras palavras, os farroupilhas lutavam contra um Estado monarquista opressivo e usavam o liberalismo como filosofia política e, igualmente, Varella lutava contra o Estado autoritário borgista, também usando o liberalismo dos farrapos de outrora. Desse modo, para Varella (1915: 54, n. 1) “com o eterno engano, fatalíssimo aos povos, de que o governo deve ser a providência zeladora e protetora de tudo, quando seu papel na economia pública é sempre de funesta perturbação, até mesmo quando parece favorecê-la ou transitoriamente a favorece”.

Desse modo, para Varella (1915), entregues a si mesmos na anarquia do pampa, longe do absolutismo, os povoadores da capitania de São Pedro<sup>22</sup> atingiram a condição de dignidade pessoal. Eram épocas de tropelias, encaminhadores do “apaixonado liberalismo”, de que deu prova a alma popular. Chega a citar Darwin (Varella 1915: 100, n. 1) para provar que esse extremo liberalismo, que veio a desenvolver-se na Província do Rio Grande do Sul, acabaria por produzir efeitos: a autonomia, por igual, desata a vontade e a inteligência. Segundo Varella (1915), o campo das razões de um religioso, de um servo, de um súdito resignado com o despotismo, abrange um campo restrito, contudo, ao contrário, no sujeito entregue a si mesmo (liberalismo), em vez de involução, há evolução, em vez de amesquinamento, há pujança e desenvolvimento normal:

De onde se vai a iniciativa, foge célere o progresso. E a iniciativa é o indício por excelência, como é o fruto, da vida solta, que aviva a inteligência, para que indique os meios de vencer os obstáculos e garantir utilidades [...] Só do esforço próprio dos recém vindos ficou a depender o bem-estar de cada um (Varella 1915: 101, n.1).

E Varella (1915: 248, n. 1) constrói uma linhagem histórica e política para a Farroupilha: “as esperanças dos reformadores [...] de completar a autonomia repõe o país na trilha cuja diretriz marcavam seguros pontos de referência: primeiro 1789, adiante, 1817, por fim 1824”<sup>23</sup>. Ora, Varella (1915) coloca as revoluções liberais em sequência para demonstrar a

<sup>21</sup> Assim, Varella se refere a Bento Gonçalves que foi o líder dos farroupilhas.

<sup>22</sup> Atual Estado do Rio Grande do Sul

<sup>23</sup> Em ordem: Revolução Francesa, Revolução Pernambucana e Confederação do Equador.

evolução liberal no mundo e no Brasil, assim, faz uma análise dualista entre, por um lado, os que impedem a evolução do liberalismo e, por outro lado, os que são os revolucionários liberais que fazem a história avançar. A história tem um fim, a liberdade liberal, e, também, um sujeito histórico a guia-la, o sujeito liberal – que no Rio Grande do Sul é o caudilho liberal: “Não há no que digo sombra de favor com que um liberal moderno pretenda amparar os de sua bandeira, que foram reprimidos, no período da regência” (Varella 1915: 196, n. 1). Portanto, fez da filosofia liberal o ponto de sua crítica ao borgismo e, igualmente, a filosofia da história implícita em sua obra, pois, para Varella (1915: 91, n. 1), o despotismo colonial, se comparado à “inquisição positivista, é um esplendor de liberdade”. Também, usou sua crítica ao passado sul-rio-grandense para censurar fatos políticos do presente: a) aderindo aos críticos do autoritarismo de Borges de Medeiros (Varella 1915: 509-510, n. 1), b) as alusões à exclusão política dos liberais (Varella 1915: 85-86, n. 1) c) a opressão do governo borgista (Varella 1915: 496, n. 1), d) a admoestação ao sistema educacional (Varella 1915: 63, n. 1) e e) ao suborno eleitoral, assim, estes elementos assinalam o perfilamento de Varella (1915) com o discurso liberal arquitetado por federalistas, democratas e dissidentes republicanos estabelecidos em torno de Joaquim Francisco Assis Brasil<sup>24</sup>.

Seguindo a escrita de *Revoluções Cisplatinas*, no Rio Grande, os habitantes apreciavam os admiráveis resultados do empenho emancipador e sentiam naturais atrações pelo liberalismo do Prata. Portanto, o exemplo da Cisplatina era mais estímulo do que arrefecimento nas tendências generalizadas pelo sistema republicano e pela autonomia. Para os sul-rio-grandenses o preferível não era a agência inacabada de 1822 e, sim, o extermínio do domínio colonial, realizada no Rio do Prata. Porém, no presente de Varella, “o absolutismo, que continuava sob aparências constitucionais (tal qual hoje!)” (Varella 1915: 513, n. 1). E segue Varella (1915: 932, n. 1)

Mirem-se neste espelho de boa doutrina os que negam “princípios” aos modestos farroupilhas; e também os devotos da autocracia, que em nome de uma tradição vilipendiada e traída, se assenhourou da honrada terra que aqueles a muito custo ilustraram. Mirem-se neste espelho de verdadeiro regime republicano, os pecos e espertos historiográficos, que viciaram as nossas mais lídimas, mais luminosas crônicas; e também os que hão envenenado um povo ingênuo e sincero, infundindo-lhes apegos ou transigentes acomodações com um cesarismo mal disfarçado. Mirem-se uns e outros neste espelho de segura ciência, em que, há quase três quartos de século, os nossos *ignorantes* antepassados deixavam lucilar entre as esperanças do Rio Grande, não só as promessas correntes da democracia, como os iniludíveis reflexos de um ideal

---

<sup>24</sup> Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938) foi um advogado, político, escritor, diplomata e historiador. Foi membro fundador do PRR, depois desligou-se do partido indo para oposição.

superior: os de integralíssima e radicalíssima reconstituição da sociedade, por via de um complexo de reformas, que ergam as massas inferiores, materialmente, intelectualmente e sobretudo moralmente: que as elevem, em resumo, do cativo de áreas antigas e modernas, ao digno convívio no banquete em comum, da presente civilização, – em que nos referimos a hilotas e pariahs, como reminiscência histórica, ombreamos com eles, por todo o ocidente, mudado apenas em parte o gênero da vetusta opressão. Mirem-se neste espelho de verdade inconfundível, os que mentiram ontem e os que mentem hoje, aqueles torcendo as melhores recordações do passado e estes deturpando um modelo imortal, em escandalosa contrafacção: tirania política e econômica, em vez de fraternidade sob égide do bem público, – inferno, com um Cérbero trifauce à beira da entrada, a que a condescendência ou cumplicidade de fáceis ou cobiçosos doutores constitucionais empresta o título de benemérita, pura, humana, liberalíssima, instituição dos “farrapos”.

Passando da crítica política do presente à escrita do texto histórico, Varella justificou o começo do regime republicano e o imperativo de ligações federativas entre as províncias, ressaltando as especificidades do Rio Grande do Sul, determinando seus fatores singularizadores em correlação às demais regiões do Brasil, como a geografia, o processo de colonização e a formação político-econômica. Na definição dessas peculiaridades, a Farroupilha nascia, então, como um tópico distinto, narrada como um episódio simbólico do passado sul-rio-grandense. Contudo, em um jogo de vaivém entre crítica e história, para Varella (1915), abolido o partido que combatia a ditadura borgista, primeiro se dissimula e, em seguida, se desfralda o arbítrio, elevando-se aos poucos e, ao fim, a usurpação de todos os poderes. Varella (1915) usa do liberalismo farroupilha, para realizá-los no presente, para si, e “se me pronuncio em estilo indignado contra o monarca, primeiro, é por que não posso vencer, hoje, a minha indomável aversão aos brutais processos da tirania, tenha ela coroa ou gorro frígio; segundo, porque isto me impõe o método que foi adotado” (Varella 1915: 998, n. 2).

Desenvolvendo a hipótese do artigo, percebe-se que o conceito de liberalismo se torna norteador em sua escrita da história, isto é, tal conceito emaranha os personagens e os acontecimentos do passado e do presente. Por um lado, a Farroupilha aparece como continuadora das tradições liberais sulinas (e mundiais) presentes desde a povoação, por outro lado, é uma crítica direta ao autoritarismo borgista.

## 6. Escrita (II): A Farroupilha como Revolução Cisplatina

Varella (1915) inicia a escrita de *Revoluções Cisplatinas*<sup>25</sup> com um preâmbulo que demonstra o seu entendimento sobre o começo histórico da Farroupilha, assim, ele a interpreta como um conflito de um povo livre, oprimido por um governo autoritário, em busca da sua liberdade. Ele escreve que, durante a colonização portuguesa, a província sulina era como a Gália para os romanos: um Estado de fronteira permanentemente em guerra, um grande acampamento bélico. O que floresceu entre combates e acampamentos foi “um milagre das forças econômicas, impondo-se preponderantes a quaisquer outras” (Varella 1915: 2, n. 1). Igualmente contra as hesitações de outras províncias contra a insuficiência constitucional, “resolutamente e abnegadamente se lança à frente de todas [...] alinha-se na vanguarda do movimento reivindicador liberal” (Varella 1915: 3, n. 1) e, assim, ele conclui, então, que da posição de progresso social do Rio Grande nasce o “nosso” amor pela liberdade e a oposição que o Brasil em “nós” tem encontrado para “nos” imprimir ideias retrógradas. Assim,

O que melhores luzes tornavam de evidencia na fronteira do mesmo com o Rio da Prata, isto é, que “o resultado do progresso social” o que nos impeliu no dia 20 de setembro de 1835, a romper um silêncio vergonhoso, e a fazermos sentir ao governo do Brasil, que se não cansa impunemente a paciência de um povo livre: foi o resultado do nosso progresso social que levou os nossos patrícios a correrem armados [...] a liberdade, e a Pátria. (Varella 1915: 5, n. 1).

Para Varella (1915), assim, se justificaria o “magno evento” que só teria semelhantes da defesa do norte contra os batavos e nas expedições bandeirantes, pois os sul-rio-grandenses seriam os continuadores, tanto no gênio cavalheiresco quanto no impetuoso “ciúme nativista”. Desse modo, Varella (1915) segue escrevendo sobre a geofísica do continente, isto é, faz uma descrição da natureza que formou o rio-grandense e que moldara a futura revolução. Para o autor, a geofísica sulina é segregada da América lusitana pelos estorvos naturais, pois ergue-se uma vasta parede separatória como uma dificuldade a superar e, também, expressa uma linha de profunda distinção entre o Brasil, propriamente dito, e as regiões platinas e, além disso, a fronteira “está no Rio Grande, porque é nele que finda a natureza brasileira e começa a estranha” (Varella 1915: 10, n. 1) e, para o autor, isso é uma verdade, sob o aspecto topográfico, geológico, botânico e zoológico, assim, o Rio Grande do Sul constituiria um todo geográfico distinto, quase uma ilha, além disso, o clima ainda é diferente, mais frio, sendo o quadro meteorológico outro “mui

---

<sup>25</sup> Varella publica pela Livraria Chardron, de Lello & Irmãos Editores de Porto, em Portugal. Uma hipótese a ser investigada é se a publicação do livro por uma editora portuguesa tem conexão com a repressão do borgismo a oposição. Não há pesquisa sobre isso ainda.

vizinha da casa que rege a atmosfera, no vale do Prata” (Varella 1915: 26, n. 1). Portanto, Varella (1915: 30, n. 1) define o Estado:

A transição, deve dizer-se, é maior ainda que parece. Fisicamente é aqui o extremo do Brasil, e entramos no Estado oriental. Plantas e animais, paisagens, a própria vida, indústrias e comércio do Brasil ficam para trás. Politicamente, o Império vai algumas centenas de quilômetros adiante: socialmente, todo o resto da província gravita para as Repúblicas platinas.

Após as condições geofísicas da região, passa a narrar o povoamento. Os primeiros povoadores foram os portugueses de Laguna, originários de São Vicente. Para o historiador de Jaguarão, é importante tal averiguação da população, pois “quer apurar quais os componentes biológicos que a metrópole introduziu aí, modificações que acaso sofreram o influxo do meio, tipo que resultou, e sua influência no desdobramento do fenômeno político em estudo” (Varella 1915: 42, n. 1). Enfim,

Tal vazou-se, em meio incomparável, a população enérgica do Continente: o bronze rijíssimo do português de lei, com acréscimo de matéria estranha que o aprimorou e laivos de outra que não no degradaram, como ainda com tênues vestígios de raças mais coloridas, reforçantes da beleza e vigor ou aumentativos dos atributos morais do exemplar humano primitivo (Varella 1915: 64, n. 1).

Para entender os eventos que resultaram no 20 de Setembro<sup>26</sup>, Varella (1915) considerou primeiramente a evolução preparatória ou as causas predisponentes das circunstâncias que operaram na população e no território rio-grandense, isto é, o meio geofísico. Depois, continua narrando a soma de causas determinantes do rompimento e a definição dos sintomáticos abalos que resultaram no estouro revolucionário. Ademais, distinguindo as particularidades rio-grandenses, o autor sustenta-se nos relatos de naturalistas estrangeiros e nos aspectos climáticos da região. Portanto, Varella (1915) corrobora dois aspectos que delimitam essa particularidade: a) a condição de passagem do espaço rio-grandense que constituiria um ambiente de mudança entre o Brasil e o Prata; e b) a dualidade de seu meio geofísico dividindo com o Brasil e o Prata semelhanças na paisagem.

Avançando no esboço da linhagem dos habitantes rio-grandenses, Varella (1915) acredita que o subsídio açoriano constituiria o traço fundamental na formação étnica do Rio-Grande, cunhando um rastro indelével, sendo o Rio Grande um resultado da civilização lusa. Em seguida, existiu a influência espanhola. O influxo indígena é considerado limitado,

---

<sup>26</sup> Data que iniciou a Farroupilha.



bem como o africano, que, por causa da indústria e do contrabando, pouco colaboraram para o tipo rio-grandense.

Nas causas predisponentes, para apresentar as ligações entre o Rio Grande e o Império brasileiro, Varella (1915) usa uma lei geral da física no qual a unidade de um sistema tende a romper-se na medida em que as suas partes não operem mutações comuns. Na conjuntura de convulsão regencial a tendência separatista atua como uma disposição generalizada no espírito popular sul-rio-grandense. E, assim,

No vasto organismo combalido, tudo consente, tudo conspira, tudo concorre, para a quebra da unidade nacional e ruptura dos elos que prendiam o Rio Grande, a um sistema cujas translações haviam deixado de ser exatamente comuns, conforme pudera prever quem estudasse os fatos a luz da lição genial de Galileu (Varella 1915: 217, n. 1).

De toda forma, segue Varella (1915), existiria um provincialismo atribuído ao rio-grandense que, desde a colaboração dos sul-rio-grandenses no movimento de maio de 1810<sup>27</sup> e nos conflitos dos orientais, a partir da propagação revolucionária que ignorava fronteiras, ratificava o atrelamento do Estado com os fatos políticos do Prata. Para Varella (1915), derivava em depauperamento do passado da Farroupilha recusar a ligação com o Prata e, assim, as ideias separatistas e republicanas teriam vindo para a Província pela fronteira. Ademais, o provincialismo seria resultante do afastamento em relação à Corte e da proximidade política, cultural e geográfica com a região do Prata (Gutfreind, 1992). E aqui, seguramente, está a mais importante contribuição de Varella à historiografia da Farroupilha, isto é, o emaranhamento da Farroupilha com a região do Prata. Desse modo, Varella rompe com uma tradição historiográfica, iniciada na República de 1889, que interpretava a Farroupilha somente dentro dos marcos do Estado e da nação brasileira (Soares 2016)<sup>28</sup>.

Assim, os primeiros abalos do fato revoltoso foram observados em 1829, depois da perda da Cisplatina<sup>29</sup> pelo Império, momento em que principia uma intriga na fronteira sul-rio-grandense, alusivo às conspirações do padre José

---

<sup>27</sup> A Revolução de Maio foi uma série de eventos que ocorreram entre 18 e 25 de maio de 1810 na cidade de Buenos Aires (uma colônia do Império Espanhol). O resultado foi a deposição do vice-rei Baltasar Hidalgo de Cisneros e o estabelecimento de um governo local. A Revolução de Maio foi a primeira revolta bem sucedida no processo de independência da América do Sul

<sup>28</sup> Em 1935, Varella publicaria sua obra-prima, *História da Grande Revolução*, no qual defenderia a mesma tese, isto é, a Farroupilha com origem na região do Prata. Isso, o levaria a sofrer pesadas críticas de outros letrados e constrangimentos políticos (Silva 2010) (Soares 2016) (Gutfreind 1992).

<sup>29</sup> Cisplatina foi uma província brasileira que existiu de 1821 a 1828 criada pela invasão luso-brasileira da Banda Oriental. De 1815 a 1822 o Brasil foi um reino constituinte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Após a independência do Brasil e a formação do Império do Brasil a província Cisplatina permaneceu parte dele. Em 1828, após a Convenção Preliminar de Paz, a província da Cisplatina tornou-se independente como Uruguai.

Caldas<sup>30</sup>, do caudilho Juan Lavalleja<sup>31</sup> e do líder da fronteira Bento Gonçalves<sup>32</sup>. Portanto, a simultaneidade entre os eventos do Prata e os do Rio Grande é a hipótese do historiador de Jaguarão para explicar o movimento de 1835. Varella (1915) entendeu que a Farroupilha nada mais seria que um espelho das Revoluções Cisplatinas em sua ascendência e processo, tendo procedência no Prata, porém, em serventia de todos os liberais brasileiros. Os pressupostos de *Revoluções Cisplatinas*, por um lado, acarretaram a explicação determinista e teleológica do Rio Grande do Sul, e, por outro lado, posicionaram a Farroupilha em um contexto mais complexo, não só em seu vínculo com o Império português, mas também com o Prata.

A escolha de Varella (1915) por abordar o passado do sul-rio-grandense numa perspectiva mais dilatada que sua origem portuguesa se converteu num aporte novo em relação à origem platina da Farroupilha, tida como algo danoso à identidade nacional, ao contrário do que entende Varella (Gutfreind, 1992), em que a ideia positiva de liberdade vem do Prata. Enfim, para ele, a “Revolução de 1835”

nada mais foi que um reflexo das revoluções cisplatinas, – a nossa, de 1835 a 1845 – em sua origem e desenvolvimento até o segundo semestre de 1837, apoiando-se daí em diante no Rio da Prata, mas buscando conseguir a vitória também com os liberais do Brasil, e, se possível, em proveito de todo o Brasil (Varella 1915: 522, n. 1).

Para Varella (1915), a Revolução de 1835 foi uma alteração no interior de um sistema no qual a ação mecânica de relação entre as partes e o todo parou de funcionar em sintonia. Também, distinções geofísicas assumiriam um caráter decisivo na explicação da Farroupilha. Além disso, a característica do Rio Grande do Sul de ser linha limítrofe entre o Império do Brasil, a Confederação Argentina e a Banda Oriental, isto é, ser fronteira, surge como uma razão para a compreensão da revolução de 1835 e só se faz plausível como elemento de um encadeamento de sucessos mais extensos, as Revoluções Cisplatinas, o que sugere uma inclusão do passado do Rio Grande na conjuntura dos eventos da região do Prata (Silva 2010).

Desenvolvendo a hipótese do artigo, o segundo ponto da escrita da história de *Revoluções Cisplatinas* é o platinismo<sup>33</sup>, isto é, a liberdade (do liberalismo)

<sup>30</sup> José Antônio Caldas ou Padre Caldas (1787-1850) foi um religioso, jornalista e político brasileiro.

<sup>31</sup> Juan Antonio Lavalleja y de la Torre (1784-1853) foi um militar e político uruguaio, que liderou os Trinta e Três Orientais.

<sup>32</sup> Bento Gonçalves da Silva (1788-1847) foi um militar e estancieiro sul-rio-grandense e o grande líder da Farroupilha.

<sup>33</sup> Platinismo refere-se a região do Prata, isto é, aos espaços que sofrem a atuação do rio da Prata, seus afluentes e de sua bacia hidrográfica, mormente ao que hoje é a Argentina, Uruguai e Paraguai, países no qual o Rio Grande do Sul é limítrofe. Atualmente o Rio Grande do Sul e o Paraguai não fazem fronteira, mas antes da Guerra do Paraguai, a atual região de *Misiones* era disputada entre

impedida de triunfar pelo Estado monárquico brasileiro, só consegue penetrar no Rio Grande do Sul pela região platina limítrofe ao Estado. Para isso, Varella constrói uma proximidade geofísica entre o Prata e o Rio Grande do Sul, isto se deva ao caráter de fronteira da região. Assim, Varella inova, na Primeira República, ao mostrar a história da Farroupilha além dos marcos do Estado-Nação brasileiro. O liberalismo que vem pelo Prata é uma forma, então, de Varella proporcionar às oposições ao borgismo um outro arsenal teórico para o embate político como uma outra inserção do Estado sulino no Brasil.

## **6. Conclusão**

A partir da metodologia da operação historiográfica pode desenvolver a hipótese sobre a conexão entre política e historiografia na *Revoluções Cisplatinas*. O caminho escolhido foi analisar o lugar social, as práticas científicas e a escrita de um texto. Por um lado, a obra de Varella, estava em um lugar social hegemônico pelo borgismo, que pouco espaço de atuação proporcionava a oposição, também, sua socialização intelectual foi envolta no republicanismo e na Geração de 1870. Por outro lado, sua prática científica foi guiada pela epistemologia da história positivista em que a história é uma ciência com causas e relações mecânicas entre os eventos. Por fim, em sua escrita do texto o conceito de liberalismo permite que ele se distancie do positivismo e, assim, representa a Farroupilha de maneira inovadora ao mesmo tempo que critica o borgismo.

Na *Revoluções Cisplatinas*, a Farroupilha teria sua veia pulsante de liberdade vindo do Prata, mas, que, além disso, em uma leitura a contrapelo, é uma forma de questionar o mando autoritário do PRR no Estado do Rio Grande do Sul, na Primeira República. Contudo, estas suas armas conceituais para criar uma outra Farroupilha só conseguem ser entendidas em toda sua complexidade quando articuladas em uma explicação que coloque a prática científica, a escrita do texto de Varella conjuntamente ao lugar social em a obra foi produzida.

---

a Argentina e o Paraguai. Varella defendia que a Farroupilha tinha como principal influência os acontecimentos platinos, isto é, acontecimentos não brasileiros ou não somente brasileiros.

## 7. Referências bibliográficas

- Alonso, Angela. 2002. *Ideias em movimento: A geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra.
- Antoniolli, Juliano Francesco. 2017. “*Tão longe quanto a previsão científica possa alcançar*”: a experiência do tempo da geração republicana da Faculdade de Direito de São Paulo (1878-1882). Tese (Doutorado em História). – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre. P. 248.
- Araripe, Tristão de Alencar. 1986. *Guerra civil no Rio Grande do Sul: memória acompanhada de documentos lida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Porto Alegre: Corag, 1986. (original 1881)
- Assis Brasil, Joaquim Francisco. 1981. *História da República Rio-Grandense*. Porto Alegre: Erus. (original 1882)
- Axt, Gunter. 2007. “Coronelismo indomável: o sistema de relações de poder”. In: Golin, Tau; Boeira, Nelson. (coord.); Reckziegel, Ana; AXT, Gunter (dir.). *República Velha (1889-1930)*. Passo Fundo: Méritos, V.3, t.1.
- Boeira, Nelson. 1980. O positivismo difuso. In: DACANAL, José; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: Cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Boeira, Luciana Fernandes. 2019. Uma província de peso: a escrita da história sul-rio-grandense no século XIX. In: Soares, Fabrício A. A.; Martins, Jefferson Telles. *História e historiografia sul-rio-grandense*. Criciúma: EdiUnesc.
- Cesar, Guilhermino. 2006. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag.
- Certeau, Michel. 2007. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Diehl, Astor. 1998. Aspectos da historiografia positivista no exemplo da história do Rio Grande do Sul. In: *A cultura historiográfica brasileira: do IHGB aos anos de 1930*. Passo Fundo: Ediupf.
- Franco, Sérgio da Costa. 2007. O Partido Federalista. In: Golin, Tau; Boeira, Nelson. (coord.); Reckziegel, Ana; Axt, Gunter (dir.). *República Velha (1889-1930)*. Passo Fundo: Méritos, V. 3, t. 1:129-170.
- Guazzelli, Cesar Augusto Barcellos. 1998. *O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. Tese (doutorado em História). Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS.
- Gutfreind Ieda. 1992. *Historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. Universidade/Ufrgs.
- Hartog, François; Revel, Jacques. 2001. “Note de conjuncture historiographique”. In: Hartog, François; Revel, Jacques (sous la direction). *Les usages politiques du passé*. Paris: Ehees: 13-24.

- Lazzari, Alexandre. 2004. *Entre a grande e a pequena pátria: letrados, identidade gaúcha e nacionalidade (1860/1910)*. Unicamp/Ifch, Tese (Doutorado em história), p. 363.
- Oliveira, Maria da Glória. Uma identidade platina para o Rio Grande do Sul: análise historiográfica de *Revoluções Cisplatinas*, de Alfredo Varella. In: *Humanas*. Porto Alegre, v. 26/27, n. 1/2, 2004/2005.
- Pesavento, Sandra Jatahy. 2009. Uma certa Revolução Farroupilha. In: Grinberg, Keila; Salles, Ricardo (org.). *O Brasil imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Vol. 2.
- Ricouer, Paul. 1994. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papyrus, Tomo I.
- Rodrigues. Alfredo Ferreira. 1990. *Vultos e fatos da Revolução Farroupilha*. Brasília: Imprensa Nacional.
- Rodrigues, Mara Cristina de Matos. 2019. Entre a geração crítica e o giro linguístico: contribuição à história da historiografia sul-rio-grandense. In: Soares, Fabrício A. A.; Martins, Jefferson Telles. *História e historiografia sul-rio-grandense*. Criciúma: EdiUnesc.
- Silva, Jaisson Oliveira da. 2010. *A epopéia dos titãs do pampa: historiografia e narrativa épica da grande revolução*, de Alfredo Varella. Dissertação (mestrado) Ufrgs, Ifch, Ppg-História, Porto Alegre.
- Silva, Jaisson Oliveira da Silva. 2019. *O escrutínio dos pares: Alfredo Varella e a “História da Grande Revolução”*. In: Soares, Fabrício A. A.; Martins, Jefferson Telles. *História e historiografia sul-rio-grandense*. Criciúma: EdiUnesc.
- Soares, F. A. A. 2016. *Farrapos de estórias: romance e historiografia da Farroupilha (1841 – 1999)*. Pontifícia Universidade Católica (Puc – Rs): tese de doutorado. Porto Alegre.
- Soares, F. A. A. 2019. História das narrativas da Farroupilha. In: Soares, Fabrício A. A.; Martins, Jefferson Telles. *História e historiografia sul-rio-grandense*. Criciúma: EdiUnesc.
- Varella, Alfredo. 1915. *Revoluções cisplatinas: A República Riograndense*. Porto: Livraria Chardron, 2v.
- Varella, Alfredo. 1933. *História da Grande Revolução*. Porto Alegre: Editora e Livraria do Globo.

